

# Formação cultural, semicultura e indústria cultural: contribuições de Adorno sobre a emancipação

Elizandra Iop\*

## Resumo

O advento da ciência promove a racionalização da técnica, dentre elas, a indústria cultural (IC), que dissemina, pelos *mass media*, seus produtos. São esses produtos ideologizados e estandardizados que servem como formadores da consciência da sociedade de massa. Na obra *A teoria da semicultura* Adorno chama a atenção para a semicultura, materializada na industrialização da arte e expressa nos produtos da IC. O objetivo do presente estudo é analisar a formação da consciência da sociedade de massa, a qual é formada por meio dos produtos coisificados e estandardizados pela racionalização da técnica e disseminados pela IC. O trabalho foi desenvolvido por meio de um estudo teórico do pensamento de Adorno e Horkheimer, com ênfase maior na obra citada do primeiro, a partir dos conceitos de “formação cultural”, “semiformação”, “semicultura” e “emancipação”. Por meio do estudo foi possível constatar

que a formação por meio da semicultura não tem caráter emancipatório, pois o conteúdo imanente aos produtos da IC tem caráter alienante.

*Palavras-chave:* Formação cultural. Indústria cultural. Semicultura. Semiformação. Emancipação social.

\* Professora da Universidade do Oeste de Santa Catarina. Graduação em Pedagogia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina e em Ciências Sociais pela Universidade Luterana do Brasil. Especialização em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Palmas/Paraná; em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina e em Sociologia pela Universidade de Passo Fundo. Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP. E-mail: elizandra.iop@unoesc.edu.br.

Recebido: 05/08/09 – Aprovado: 12/11/09

## Introdução

Este estudo se refere à formação cultural proposta por Theodor W. Adorno no texto *Teoria da semicultura* (1996) e à formação propiciada à sociedade de massa pela semicultura, imanente aos produtos da indústria cultural (IC). Corresponde ao conceito de cultura toda ação humana sobre o contexto natural e social e o resultado dessa ação, configurando-se em fenômenos sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, bem como na expressão de um conjunto de valores, sendo possível sua representação pela obra de arte.

O momento em questão produzido pela sociedade, representado e registrado pela obra de arte, é o que possibilitaria a formação cultural da humanidade, por meio da qual ocorrerá a emancipação do espírito humano proposta por Adorno e Horkheimer, como forma de a humanidade ser formada para que não permaneça em estado de menoridade e retroceda à barbárie.

Em todas as sociedades humanas existe o que se denomina “estado de menoridade”. Rodhen (2004) explicita que, de acordo com Kant, nesse estado o homem não age pela razão, não analisa racionalmente a realidade social e seu destino; portanto, é gerido por algum mecanismo, como os mitos, a religião, o poder dos reis e, atualmente, a IC. Esta tem forte influência sobre a formação da sociedade de massa, que, por meio dos *mass media*, consome seus produtos no cotidiano naturalmente.

De acordo com Adorno (1985), a racionalização da cultura na sociedade

moderna contemporânea é transformada em semicultura, gerando um processo identificado como semiformação, por ser utilizada pela IC como conteúdo formativo da consciência da sociedade de massa. Para Nelson Palanca (2003, p. 141), “semiformação diz respeito à banalização da cultura. Ao desenvolvimento de uma espécie de ‘cultura de almanaque’, um pouco mais elaborada”.

A semicultura está presente somente na sociedade industrializada, evidente nos produtos culturais estandarizados pela técnica, mais precisamente a IC. A industrialização da cultura atinge a sociedade de massa em forma de itens para o consumo. Seu conteúdo ideológico no processo de formação da consciência da sociedade de massa gerará a alienação em relação à realidade social que a envolve. Vale esclarecer as diferenças entre formação cultural e semiformação e cultura e semicultura, o modo como se caracterizam na sociedade e são propiciadas às classes sociais por meio do processo de formação, que pode ser entendido também como processo educativo.

A semiformação seria a formação do indivíduo por meio da industrialização da cultura, em que os produtos perdem sua essência cultural, pois são transformados pelo processo industrial em semicultura. Assim, os produtos da semicultura servirão de conteúdo formativo para a sociedade de massa. Este processo formativo denomina-se “semiformação”, por não ser realizado pelo conteúdo cultural, que é o conteúdo imanente à verdadeira obra de arte, e sim com conteúdos da semicultura, isto é, a cultura industrializada, entendida neste

trabalho como uma pseudocultura. Isso aponta para o fato de que a consciência das massas, formada pela semicultura, num processo entendido como semiformação, resulta em uma consciência não emancipada.

## Formação cultural – Emancipação em perspectiva

A educação é um processo que conduz a humanidade à emancipação, não à barbárie. Num contexto socioeconômico desenvolvido pela instrumentalização da razão, a educação é um fenômeno altamente preponderante na formação da consciência emancipada dos indivíduos. Mas, vinculada à sociedade capitalista, vem sendo, contemporaneamente, utilizada e propiciada à humanidade como um dos mecanismos de dominação e de submissão.

É contra a barbárie que Theodor W. Adorno desenvolveu boa parte de seus estudos, mais precisamente ao impedimento da barbárie. Na perspectiva adorniana, a educação como processo formativo da consciência esclarecida e emancipada pela autorreflexão é a única maneira de a humanidade não cometer os mesmos erros do passado. Lembrar o passado, mantendo-o presente em todos os momentos da vida, mas vivo, para que a sociedade possa utilizá-lo como exemplo para evitar a repetição dos erros cometidos pelo homem no passado. O que foi monstruoso para a vida humana, o que não foi útil e bom para a formação humana, o que não propiciou ao homem

uma vida plena, justa e digna, segundo os princípios morais e éticos que regem a sociedade, o que destruiu tanto a vida como a consciência do homem, nada disso deve voltar a ser cometido pela raça humana.

Ora, se a educação ocorre por meio da imitação, da aprendizagem, da experiência vivida no passado e transmitida às gerações futuras pela cultura, é justamente a educação o principal mecanismo de esclarecimento para as gerações surgentes. Transmitir os erros de um passado triste, vergonhoso e cruel para as gerações do presente significaria repetir os mesmos erros já cometidos pela humanidade num tempo passado.

Na medida em que a sociedade tem consciência do passado, a compreensão crítica sobre os fatos sociais ocorridos é um primeiro passo para que o presente e o futuro sejam melhores, no sentido de que a barbárie cometida não volte a acontecer. Esquecer ou negar a história significa não apreender com ela e, nesse caso, o homem corre o risco de repetir os erros. Se o passado é a sustentação do presente e do futuro, para vivermos o hoje precisamos ter vivido o ontem; caso contrário, de nada adiantaria termos memória e sermos sujeitos da história.

Referindo-se à Segunda Guerra Mundial e às atrocidades cometidas nesse período contra o homem e seu espírito, chamado de “barbárie”, pondera Adorno (2000, p. 29): “O desejo de libertar-se do passado justifica-se: não é possível viver à sua sombra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência; e não se justifica porque o passado de que se quer escapar ainda permanece

muito vivo.” É, portanto, pela educação que a barbárie pode ser evitada, ao formar uma consciência crítica, reflexiva e, por conseguinte, emancipada.

Se a formação da consciência se dá por meio da cultura produzida objetivamente pela humanidade, segundo Adorno (1996), somente a consciência esclarecida, que se configura por meio da formação cultural, não da semicultura, é que poderá impedir a repetição dos erros cometidos no passado, evitando o retorno à barbárie. Esta é o retrocesso do desenvolvimento cultural da humanidade. Todavia, os que se encontram atrelados à ideologia da racionalidade técnica não possuem acesso a uma formação cultural capaz de garantir a emancipação do estado de menoridade, pois sua formação ocorre por meio da semicultura, conhecida também como “cultura industrializada”, desprovida de sua verdadeira essência cultural. A sociedade de massa, verdadeiro e único alvo dessa formação, obtém apenas a semiformação e, com ela, a permanência no estado de ignorância – ou alienação.

A preocupação de Adorno é impedir o retorno à barbárie, possibilidade que vislumbra apenas na educação. Adorno declara a necessidade de uma formação que proporcione a emancipação da consciência, somente possível por meio da cultura (formação cultural), não pela industrialização da cultura (semicultura), pois esta gera a semiformação, tornando a sociedade dependente das relações de produção e sem condições de compreender o processo histórico no qual está inserida. Portanto, forma-se uma sociedade com homens alienados.

Na sociedade democrática, educar serve à emancipação – e para emancipar é necessário esclarecer. Kant (apud RODHEN, 2004) define esclarecimento como a saída do estado de menoridade, sendo este autoinculpável quando sua causa não for a falta de compreensão, mas a falta de decisão e de coragem de utilizar a compreensão, sem ser guiado por alguém.

O processo formativo à conquista da consciência emancipada, segundo Adorno (2000), ocorre por meio da reflexão crítica do sujeito e de suas experiências sociais e das experiências objetivas da humanidade. Mas, ao contrário disso, a educação fornecida às classes minoritárias que constituem a maior parte da população é uma educação atrelada à racionalização técnica, que se cristaliza como ideologia do processo produtivo da sociedade capitalista; uma educação fragmentada, racionalizada e reacionária, que aprisiona o espírito do indivíduo de maneira a fazê-lo sentir-se como peça insubstituível do processo produtivo.

Eis aí um paradigma de formação que conta com o apoio de outro instrumento da sociedade capitalista, os *mass media*, os quais agem para garantir que os sentidos humanos sejam correlacionados à ideologia dessa sociedade e, portanto, garantam um total atrofiamento da consciência, resultando na alienação do indivíduo perante o processo formativo decorrente da educação embasada na semicultura.

A educação, vista como mecanismo para a formação da consciência emancipada que livraria a humanidade da barbárie, está sendo repensada, pois a

cultura, que é o conteúdo da educação, tem por alvo principal o preconceito e a intolerância para com as diferenças, que são essenciais na sociedade. Tais conflitos podem conduzir à barbárie; portanto, cabe à educação formar o indivíduo esclarecido sobre as questões culturais que o envolvem no seu cotidiano. Para Adorno, é na sociedade composta por indivíduos que se encontram em estado de menoridade que se formam as causas da barbárie. Isso representa um retrocesso cultural à formação da humanidade, conquistada com muito trabalho e conhecimento acumulado por milhares de gerações.

Em seu texto *Teoria da semicultura*, Adorno (1996, p. 389) enfatiza que “a formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede”. Com isso, aponta que a cultura na sociedade contemporânea se converte em semicultura e a formação, em semiformação, impossibilitando a formação da consciência emancipada, autônoma e reflexiva.

Ainda que a cultura seja o caminho para um futuro sem barbárie, vale referir que a cultura na sociedade mecanizada pela racionalização técnica com o auxílio da razão plena e autônoma converge para uma semicultura. Isso, no entanto, não significa que apenas a sociedade de massa, em seu estado de menoridade, por sua consciência ser formada pela semicultura, pode vir a alimentar e desenvolver os mecanismos para o desenvolvimento da barbárie, pois os meios para isso se encontram in-

corporados na estrutura social, os quais, por sua vez, são os propulsores ao seu desenvolvimento.

Max Frisch observou que havia pessoas que se dedicavam, com paixão e compreensão, aos chamados bens culturais, e que, no entanto, puderam se encarregar tranqüilamente da práxis assassina do nacional-socialismo. Tal fato não apenas indica uma consciência progressivamente dissociada, mas sobretudo dá um desmentido objetivo ao conteúdo daqueles bens culturais – a humanidade e tudo o que lhe for inerente – enquanto sejam apenas bens, com sentido isolado, dissociado da implantação das coisas humanas. A formação que se esquece disso, que descansa em si mesma e absolutiza-se, acaba por se converter em semiformação. (ADORNO, 1996, p. 389-390).

A semiformação conta com o apoio dos *mass media* para se difundir entre a sociedade de massa e conquistar a consciência individual em meio ao coletivo, não permitindo que os indivíduos pertencentes a essa camada social sejam educados pela formação cultural, plena e autônoma, com base em uma teoria que possibilite a liberdade do espírito e gere a reflexão crítica sobre os processos sociais e culturais, impedindo que esses indivíduos compreendam os fenômenos sociais do ponto de vista histórico, social, cultural, político e econômico.

Adorno salienta que a formação humana se emancipou com a burguesia, o que torna cada época única em seu tempo. A cultura perdeu sua essência tradicional e suas características específicas, afastando-se de conceitos e concepções vitais para a época em que estavam

inseridos. “A formação tornou-se objeto de reflexão e, consciente de si mesma, foi devolvida purificada aos homens.” (ADORNO, 1996, p. 391). A intenção do iluminismo, defensor da razão, era formar uma sociedade burguesa de seres livres e iguais, tida como condição para a formação de uma sociedade autônoma, mas vale ressaltar que a sociedade a que estamos nos referindo é a capitalista; portanto, a questão da liberdade e igualdade deve ser entendida em meio ao contexto político e econômico dos séculos XVIII e XIX. Formando o indivíduo a partir desse princípio, formaria-se uma sociedade esclarecida e livre da dominação religiosa e do poderio dos reis, na qual o sujeito teria o espírito e a consciência libertos das amarras ideológicas da estrutura social vigente.

Com a formação da consciência autônoma, teria condições de se postar como ser autônomo numa sociedade racionalizada pela ciência e pela técnica. Tal intenção se tornou uma bela utopia para a época, pois o desenvolvimento científico pôs fim a esse desejo – o qual também não era de toda a sociedade, e sim de alguns intelectuais, cientistas, artistas e filósofos. Na sociedade burguesa capitalista já estabelecida, a ideia de formação cultural não atinge toda a sociedade, mas somente aqueles que se oficializaram como classe burguesa e da nobreza. A impossibilidade da formação cultural está nas diferenças econômicas entre as classes, ou seja, na condição de classe dos indivíduos e na ideologia imanente à classe burguesa, que é justamente a de submissão da classe trabalhadora. Isso significa que as in-

tenções da classe burguesa têm a mesma finalidade de outrora, de impedir a maioria que compõe a classe proletária de se emancipar por meio da educação e de pensar no sentido e na finalidade imanentes à formação cultural.

A sociedade capitalista propicia o consumo e a formação de produtos culturais industrializados que lhe são estranhos, por serem produzidos por estes mesmos indivíduos, mas sem significado. Não leva a classe proletária a refletir sobre sua condição cultural, até mesmo porque a sociedade de massa, em razão do tipo de formação que recebe, não tem condições de realizar tal reflexão. O proletariado encontrava-se menos desenvolvido subjetivamente que a burguesia – sua consciência repousava no vazio. O desenvolvimento econômico, por meio da produção industrial e da racionalização técnica, impermeabilizou sua consciência, impedindo o usufruto da formação cultural, bem como do ócio. O proletário, extenuado pelo cansaço da produção e pela precária remuneração, não dispõe de tempo livre para lazer e cultura, o que se converte em sua possível desumanização, imposta pelo processo capitalista de produção, que tem no proletário sua principal força produtiva.

Em razão disso, a educação do proletariado, educação popular, é motivo de sérias preocupações. São várias as questões pedagógicas daí advindas, mas, como Adorno (1996) mesmo define, as ações desfiguram o real. A classe proletária nutre-se da ilusão de que a formação por si mesma, isolada do contexto social e cultural, poderia anular

sua exclusão social. Com o advento do capitalismo, do poder econômico burguês e da criação dos Estados nacionais, rompeu-se a tradição do domínio pela fé e instaurou-se uma nova forma de dominação à consciência humana. Destacam-se os *mass media* – rádio, televisão, cinema e imprensa impressa, sobretudo, acrescentando-se, hoje, a internet – nesse cenário, o qual foi conquistado pela IC. Segundo Adorno (1996, p. 393), “[...] o *a priori* do conceito de formação propriamente burguês, a autonomia, não teve tempo algum de constituir-se e a consciência passou diretamente de uma heteronomia a outra”. A consciência, que antes estava dominada pela razão teocêntrica, ditada pelos preceitos bíblicos, passou a ser dominada pela autoridade dos conteúdos da IC, representada em seus produtos, que se apoiam na pretensão de realidade e na ficção aquém da imaginação produtiva da classe proletária.

A formação cultural permanece ao alcance apenas da classe burguesa, servindo aos seus interesses. A ação altamente reflexiva proporcionada pela formação cultural é coisificada, falsificada pela IC e distribuída à classe proletária, sem sua essência reflexiva, ou seja, sem sua essência cultural. Assim, a consciência é atingida de forma que seus sentidos se adaptem aos padrões de produção estabelecidos pelo capital, garantidos pela lógica da IC, de maneira a não causar, na esfera produtiva, questionamentos de ordem econômica, política ou social por parte do proletariado.

## Formação cultural X indústria cultural e semiformação

A semicultura imanente à semiformação, que constitui a formação do proletariado, nega-lhe a conquista da emancipação. A classe proletária deposita confiança na educação para se emancipar do estado de menoridade e adquire apenas conformação social, que acarreta a reprodução do status-quo. Isso porque a educação da sociedade de massa recorre aos produtos da IC, vinculada, por sua vez, aos *mass media*. Portanto, o proletariado tem sua consciência formada por produtos com uma alta ideologia de classe, a qual, na sociedade atual, é reforçada pelas instituições educacionais por meio de políticas neoliberais.

A formação educacional deveria, por ser uma ação social, propiciar a formação de cidadãos esclarecidos e críticos, não a alienação da consciência da sociedade de massa, por meio de propostas internacionais e políticas públicas que atendem ao poder das corporações econômicas mercantis capitalistas, cuja lógica adentrou no sistema de ensino escolar. Com isso, a formação proporcionada por essas instituições está coisificada como produto de mercado, deixando de ser um bem cultural e passando a ser mais um item para a comercialização. Adorno (1996, p. 394) esclarece:

Por inúmeros canais, se formam às massas, bens de formação cultural. Neutralizados e petrificados, no entanto, ajudam a manter no devido lugar aqueles para os quais nada existe de muito elevado ou caro. Isso se conse-

gue ao ajustar o conteúdo da formação, pelos mecanismos de mercado, à consciência dos que foram excluídos do privilégio da cultura [...].

Os “enculturados” têm sua consciência moldada e padronizada pela estrutura social que possui o comando da formação, impedindo-lhes a aquisição dos bens culturais originais, disponibilizados somente à formação cultural da elite. Estes bens culturais chegam à sociedade de massa desprovidos de sua real condição e essência cultural, pelo fato de serem apócrifos e coisificados pela indústria capitalista; seu verdadeiro sentido se perde, pois essa classe social se encontra despreparada para compreender sua essência e valorá-la apesar de cópia, nada sabendo a seu respeito, a não ser que podem servir como enfeite decorativo.

A semiformação está fortemente ligada à produção econômica, estando de acordo com os interesses ideológicos da semicultura, com destaque para o âmbito produtivo, adequando-se às manifestações de caráter cultural, com a intenção de formar a classe proletária para a produção material e reprodução social. Os conteúdos coisificados (mercadoria), no contexto da semiformação, persistem como verdades absolutas no falso processo de formação cultural, estabelecendo relações que desconsideram a realidade sociocultural. Essa educação destinada à sociedade de massa se constitui na degeneração de sua consciência.

Na IC, tal situação é explorada e utilizada para a configuração da consciência dos que têm como pressuposto

de formação a semicultura, assumindo-a como cultura. Daí decorre que os indivíduos da sociedade de massa acreditam serem livres e possuírem autonomia na sociedade de consumo, mas, na realidade, são totalmente desprovidos de liberdade e autonomia. Sua consciência, formada pela ideologia filtrada nos produtos da IC, os induz a acreditarem que formam uma classe social autônoma e próxima da esfera social elitista.

A classe social elitista, formada pela gênese da cultura e de seus bens culturais, experimenta uma formação que consiste em autonomia e liberdade sobre as relações produzidas na sociedade capitalista. Já a formação da sociedade de massa está submetida à autoridade da lógica industrial, que a semicultura representa nos produtos falsificados e padronizados pela industrialização. Por meio deles, a classe proletária acredita que tanto sua formação como o consumo desses bens industrializados e destituídos de seu espírito cultural coloca-a próxima à classe social elitista – e da autonomia e da liberdade.

Adorno (1996) defende a tradição para a formação cultural do sujeito, que é, segundo ele, inconciliável com a racionalidade moderna e que foi sendo deixada de lado, ou até mesmo esquecida, com o efeito do desencantamento do mundo. O atual contexto histórico e social imposto à sociedade moderna contemporânea torna-se carente de imagens e formas e, conseqüentemente, torna-se incompatível com a formação cultural.

Com certeza, dificilmente se pediria hoje que alguém aprendesse algo de cor: apenas pessoas muito ingênuas estariam dispostas a apoiar-se na tolice e na mecanicidade desse processo; porém, assim se priva o intelecto e o espírito de uma parte do alimento de que se nutre a formação. (ADORNO, 1996, p. 398).

Na sociedade atual seria ridículo ver e ouvir jovens em praça pública recitando poemas ou discutindo filosofia. Se alguém adotasse esse tipo de comportamento, certamente seria motivo de risos, seria depreciado pela sociedade. A racionalização técnica considera como não necessário esse tipo de alimento ao espírito e o descarta. O desenvolvimento do intelecto é proporcionado apenas a alguns sujeitos da sociedade; aos demais, resta a preocupação de alimentar o desenvolvimento prático, que, sob os olhos do capitalismo industrial, é seu próprio combustível. A filosofia, a literatura, a arte e as ciências são o princípio da formação cultural de uma pequena minoria – e tal modelo de educação, por não ter utilidade prática, tanto formativo como profissional, não atrai a maioria.

O espírito destituído de autonomia e reflexão torna-se presa fácil da ideologia industrial e dos *mass media*. Despreparada e sem autonomia, sendo o conteúdo formativo de sua consciência imagens vazias de essência cultural, a sociedade de massa consome imagens, discursos e educação, num processo formativo decorrente dos produtos da IC, sem refletir criticamente sobre eles ou seus efeitos. Tal carência é compensada pelo cinema e pela televisão, *mass media* que modelam, por meio de ima-

gens sem objetividade, sem essência e sem verdade sobre a realidade social, a formação da consciência humana dessa parcela da sociedade. Assim, o acesso das massas ao processo social torna-se determinante para a não reflexão crítica sobre a ideologia das estruturas sociais, de modo que essa classe social não é condutora de seu destino nem capaz de renunciar à racionalidade técnica que se encontra disponível em toda a sociedade capitalista democrática.

Para Adorno (1996, p. 400), “a semiformação não se confina meramente ao espírito, adultera também a vida sensorial. E coloca a questão psicodinâmica de como pode o sujeito resistir a uma racionalidade que, na verdade, é em si mesma irracional”. A alienação do sujeito não ocorre apenas pelo aprisionamento do espírito, mas todos os seus sentidos são reduzidos e aprisionados pela racionalidade, que na verdade é em si mesma irracional. Os sujeitos formados pela semiformação perdem a capacidade de escolha, de oposição e de renúncia ao pensamento crítico-reflexivo.

A lógica dessa formação, somada ao conjunto de produtos da IC, disponível em todas as situações vividas no cotidiano, é de fácil acesso. Os que se recusam a consumi-los seriam vistos e julgados pela sociedade de massa como inferiores. “A semiformação é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria.” (ADORNO, 1996, p. 400). A sociedade de massa reivindica junto aos órgãos públicos qualidade na formação educacional em âmbito de profissionalização, mas esquece o principal elemento educacional que a levaria a se aproximar da elite: a formação pela gê-

nese da cultura, pressuposto adorniano da formação da consciência emancipada.

Interessada em uma formação prática e útil, a burguesia dispensa a formação do espírito e da consciência dos indivíduos da sociedade de massa, iludindo-a por meio de reformas postas em prática junto aos órgãos responsáveis pelo ensino com programas educacionais financiados por importantes emissoras de televisão, que atribuem aos *mass media* a função de educar. Iludem-se, ainda, por crer que a formação educacional proporcionará esclarecimento sobre as relações sociais, embora ocorra apenas a formação para o mercado de trabalho.

Os programas financiados pelas emissoras de TV possuem uma estrutura ideológica que impede a sociedade de massa de conquistar a emancipação. Muitos dos bens culturais que fazem parte desses programas são os mesmos utilizados para a formação da elite, no entanto a diferença está justamente na falta de capacidade que a sociedade de massa possui para compreendê-los. A maneira como esta classe social se posta em relação a esses produtos é ingênua, pois desconhece seus verdadeiros significados histórico-culturais, sociopolíticos e econômicos. Mesmo marcados pelo tempo-espaço, esses produtos se tornam a-históricos à sociedade de massa.

O próprio Adorno (1996) ilustra a situação em relação à música erudita: a classe elitista usufrui dela por contato direto, como concertos; contrariamente, a sociedade de massa a consome por meio do rádio, reagindo a ela com superficialidade e menor entendimen-

to, reduzindo-a a mera diversão ou algo sem significado algum.

Os *mass media* proporcionam ao proletário os bens culturais em forma de produtos estandarizados – mercadoria consumida sem a compreensão da verdade. A IC leva esperança para dentro das casas, iludindo a todos com a possibilidade de uma nova vida. Esse processo resulta no fortalecimento da IC e no enfraquecimento das resistências da sociedade de massa, servindo de alimento para a proliferação dos *mass media*, pois, quanto mais são consumidos e menos se reflete a respeito deles, mais ganham poder e autonomia na sociedade moderna contemporânea, estabelecendo sua dominação hegemônica sobre o proletariado. Tal desfaçatez com a formação cultural da sociedade de massa indica que a semicultura tem seu posto garantido pelo poder dominante da sociedade. A possibilidade de fornecer à sociedade de massa a formação cultural na contemporaneidade torna-se inviável para a elite. O valor cultural das obras de arte, literárias e científicas torna-as inacessível para a sociedade de massa, em razão da sua dificuldade de compreensão.

A IC, pela sua especialização técnica editorial, converte as obras literárias completas em obras condensadas, prejudicando a sua apreensão. Portanto, o leitor que tem acesso à obra resumida acaba não tendo clareza sobre pontos essenciais que implicariam sua formação. Além disso, algumas “obras literárias” são selecionadas para fazer parte da formação dessa classe social, como os best-sellers – por exemplo, os livros de Paulo Coelho.

A IC preconiza a formação cultural democrática, pelo consumo de seus produtos padronizados, estandardizados e de fácil acesso à sociedade de massa. Isso se torna antagônico, pois o acesso e o consumo desses bens não proporcionam a esses indivíduos a elaboração e formação de uma consciência emancipada e crítico-reflexiva –, e sim a semiformação, que resulta na permanência no estado de menoridade.

A IC proporciona a possibilidade de esperança à sociedade de massa para igualar-se à classe social superior e dissemina a possibilidade de possuir a consciência autônoma e a liberdade sobre os bens produzidos pela sociedade capitalista, representada por essa classe social. Todavia, sua lógica é inerente ao consumo de bens culturais estandardizados, que são exatamente os ícones que impedem a verdadeira liberdade na realidade atual capitalista.

Os interesses econômicos convergem na reprodução das massas, que se encontram desprovidas de esclarecimento histórico, cultural, social e de pensamento reflexivo, o que efetivaria sua emancipação autônoma. Portanto, a IC não possui interesse na execução da formação emancipatória das massas, pois todos os produtos que circulam pelos *mass media* estão impregnados de falsa consciência autônoma. A falta de compreensão da sociedade de massa em relação aos bens culturais, e, portanto, a fácil aceitação dos produtos estandardizados, pela sociedade de massa representa, para a formação dessa classe, o atrofiamento de sua consciência. Por não refletir criticamente, instaura-se a

reificação do seu espírito, que deveria justamente ser excluída pela formação cultural, não dar lugar à alienação, como ocorre.

Então, a semiformação das massas deixa-as frágeis, servindo apenas como força da produção à sociedade capitalista, uma vez que tal processo não exige reflexão e autonomia, pois já se encontra pensado e estruturado; cabe-lhes, assim, apenas a execução desinformada do processo produtivo, tornando-se, portanto, facilmente manipuladas de acordo com os interesses da ideologia dominante. A produção das estruturas sociais se efetiva pela subordinação da maioria às leis do capital. A semiformação conduz a sociedade de massa a gerir o bem-estar social da classe dominante, desde a mais básica de suas necessidades até a mais elaborada, situação que ocorre em todos os contextos sociais da sociedade privada, até mesmo nas sociedades do passado.

A semiformação é uma fraqueza em relação ao tempo, à memória, única mediação que realiza na consciência aquela síntese da experiência que caracterizou a formação cultural em outros tempos [...]. No entanto, coma semiformação cultural se liga, apesar de tudo, a categorias tradicionais, a que ela já não satisfaz, a nova figura da consciência sabe inconscientemente de sua própria deformação. (ADORNO, 1996, p. 406).

A semiformação propiciadora de consciências alienadas não detém o conhecimento totalitário sobre o processo produtivo e sobre a organização das estruturas sociais; portanto, sua incapacidade

cidade de formação para a autonomia diante da sociedade contemporânea é nula. Em contrapartida, a formação cultural para a consciência crítica tem como característica peculiar investigar a ideologia para compreender o processo e o poder da organização; logo, este modelo formativo detém em seu poder o conhecimento totalitário.

Na medida em que o sujeito é excluído da formação cultural e passa a ser formado pela semicultura, incorpora mais facilmente a submissão em relação à ideologia da IC, seja pela leitura dos livros que vão lhe parecer irracionais, seja pelas catástrofes (barbárie) cometidas pelos homens públicos, isentando-os de suas responsabilidades morais e éticas para com a humanidade. Por não entenderem o contexto sociocultural e político-econômico do qual fazem parte, são excluídos como força reflexiva. Dessa mesma forma, a semicultura retira de si a responsabilidade pelos fatos objetivos.

Mediante os fatos sociais de abuso de poder contra a humanidade, a crítica à semicultura adverte sobre a não possibilidade de mudar isoladamente o que foi e o que é produzido pela ação objetiva sem antes mudar a consciência humana. No que toca à formação cultural, prevê a possibilidade do rompimento da cultura com a busca de uma vida digna aos seres humanos, contribuindo, então, para a mercantilização do espírito humano.

Mas, por outro lado, a teoria da sociedade – e toda a práxis que se orienta por ela – tampouco pode, graças à audácia do desespero, decidir-se a favor da tendência dominante, golpeando o que cai e apropriando-se da liquidação

da cultura: nesse caso tornar-se ia co-responsável pelo retrocesso à barbárie. (ADORNO, 1996, p. 408).

Retroceder à barbárie significa o fim do espírito humano, da busca da consciência reflexiva e crítica, da autonomia e da emancipação. Se a consciência da humanidade não progredir pelas ações e obras produzidas e deixadas pelas gerações passadas, pelo passado e pelos reflexos cristalizados nas obras de arte, será o fim da própria cultura e, portanto, do homem. A humanidade, nessa perspectiva, retrocederia ao seu estado natural, destituída de valores, crenças, moral e ética. A base da humanização se desfaria e em seu lugar preponderaria o irracional. A cultura, despersonalizada de seu verdadeiro sentido, valor e utilidade, converte-se em semicultura, a qual é responsável pela formação da sociedade de massa, que, ironicamente, busca na formação a possibilidade de emancipar-se enquanto classe social e obtém, via semiformação, a reificação de sua consciência.

## Considerações finais

O consumo dos produtos culturais padronizados pela IC ocasionou a incorporação do indivíduo em uma realidade social racionalizada, que o destitui de análise e reflexão crítica sobre os processos da realidade social e de seu poder revolucionário, tornando-o suscetível a manipulações. A IC é a responsável pela perda do individual e pelo aparecimento do coletivo, pela conformidade em relação aos fatos sociais e, até mesmo, pelos casos isolados de barbárie, aos quais

fornece justificativa, mas não os compreende em profundidade e extensão. A isenção dessas condições torna o sujeito passivo e alienado perante o movimento da história da evolução social.

Portanto, a IC causa ao indivíduo o atrofiamento de sua consciência, impedindo-o de conquistar a consciência emancipada. A cultura, quando manufaturada, perde toda a sua verdade artística e converte-se em semicultura, gerando para a sociedade de massa uma formação debilitada e isenta do pensamento reflexivo. Portanto, essa formação acaba se caracterizando por semiformação, destinada que é somente à sociedade de massa. É pela educação/formação cultural que a barbárie não voltará a assolar a humanidade, diz Adorno.

Pela consciência emancipada, autônoma e reflexiva é que os indivíduos poderão conviver e estabelecer relações sociais sem acarretar o desastre que é a barbárie à humanidade e à cultura. A volta à barbárie representaria a desumanização do homem por meio da racionalização técnica, criada pela própria razão e destruída por esta mesma razão. A humanização é o resultado do processo cultural, com destaque ao trabalho. Este cria, transforma, modifica e aprimora os bens culturais, utilizando-os segundo sua consciência formada. A humanidade, por milhares de gerações, elaborou a cultura e foi formada pela apropriação desta, aprimorando-a, modificando-a, tornando-a útil para cada época histórica vivida pelo homem em sociedade e, em especial, compreendendo-a e refletindo sobre o processo formativo imposto à sociedade.

A racionalização da cultura não propicia condições para que a sociedade de massa seja emancipada pela educação. A essa classe social é reservada a cultura falsificada, ou seja, a cultura que na sociedade capitalista adquire valor de troca por ser convertida em manufatura, pois, no processo de industrialização, é destituída de seu verdadeiro sentido, que acaba sendo negado a essa sociedade. Assim, apresenta-se como semicultura; portanto, o que é fornecido às massas para sua formação é apenas uma semiformação por meio da semicultura. A formação propiciada pela IC leva o indivíduo à alienação, apropriando-se de sua consciência e mutilando-a de acordo com a lógica dessa técnica racionalizada.

A sociedade de massa não possui condições de estabelecer contato e relações sociais com a cultura erudita; portanto, não apresenta condições de compreendê-la, sendo impossibilitada de refletir criticamente sobre o conteúdo imanente nos produtos da IC, por não ter sido formada pela essência da cultura produzida historicamente pela humanidade. Dessa forma, a sociedade de massa encontra-se atrelada ao processo produtivo da sociedade capitalista, sem previsões de rompimento, apenas reproduzindo o *status quo* como classe social excluída do processo formativo da cultura erudita, para garantir a ascensão econômica e política da classe elitista.

A sociedade de massa, ingenuamente, acredita que a semiformação lhe proporciona uma melhor situação de vida e que, portanto, ascenderá economicamente, quando, na verdade, a educação que lhe é proporcionada não lhe confere

tal grau de autonomia. Pelo contrário, sua formação não lhe fornece condições de interagir junto à elite, a qual deseja que a formação da sociedade de massa garanta-lhe a possibilidade de dominá-la, para que aja sempre em seu favor, desenvolvendo, por meio da formação fragmentada e reificada na ideologia técnica da produção, condições que lhe garanta domínio sobre as massas.

A educação, direito de todos, acaba por se revelar inadequada à emancipação da sociedade de massa; portanto, não propicia a formação da consciência emancipada à sociedade de massa, pelo fato de que tal modelo formativo está atrelado à técnica racionalizada e, logo, à IC, que massifica esta classe social para subjugar-la.

## Cultural formation, semiculture and cultural industry: Adorno's contributions about the emancipation

### Abstract

The coming of the science promotes the technique rationalization, among them, the cultural industry (IC), that disseminates, for the *mass media*, their products. They are these ideology and standardized products which serve as mass society conscience makers. In the work *Semiculture Theory*, Adorno gets the attention for the semiculture, materialized through the art industrialization and expressed in the products of IC. The objective of this study is to analyze the

mass society conscience formation, which is formed through the coisificados and standardized products by the technique rationalization and disseminated by IC. The work was developed through a theoretical study of Adorno and Horkheimer's thought, with larger emphasis in the mentioned work of the first, starting from the "cultural formation", "semiformação", "semicultura" and "emancipation" concepts. Through the study, it was possible to verify that the formation through the semicultura doesn't have emancipated character, because the immanent content to IC products has alienating character.

*Key words:* Cultural formation. Cultural industry. Semicultura. Semiformação. Social emancipation.

## Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. Teoria da semicultura. *Educação e Sociedade*, ano 17, n. 56, p. 24-56, set./dez. 1996.

\_\_\_\_\_. *Educação e emancipação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

PALANCA, Nelson. Educação moderna, indústria cultural & barbárie. In: VAIDERGON, José; BERTONI, Luci Mara (Org.). *Indústria cultural: ensaios, pesquisas, formação*. Araraquara: JM, 2003.

RODHEN, Valério. O criticismo kantiano. In: REZENDE, Antônio (Org.). *Curso de filosofia – para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação*. 12. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.